

RESENHA

Alderi S. Matos

MATOS, Alderi Souza de. **Uma igreja peregrina**: história da Igreja Presbiteriana do Brasil de 1959 a 2009. São Paulo: Cultura Cristã, 2009. 400 pp.

Esse livro foi publicado como parte das comemorações do sesquicentenário da obra presbiteriana no Brasil, transcorrido no dia 12 de agosto de 2009. Alguns historiadores já haviam abordado os cem primeiros anos da Igreja Presbiteriana do Brasil, mas faltava um relato abrangente dos últimos 50 anos. O livro consta de catorze capítulos. Inicialmente, para que a narrativa fique mais completa, é apresentada uma síntese do primeiro século da trajetória da IPB. Em seguida, cada capítulo aborda um período de quatro anos (de uma reunião ordinária do Supremo Concílio até a véspera da seguinte). Em cada período são destacadas as principais resoluções do concílio magno da igreja e de sua Comissão Executiva. Também são abordados tópicos como educação teológica, evangelização, missões nacionais e estrangeiras, relações com outras igrejas, trabalho das sociedades domésticas, instituições de ensino (Mackenzie e outras), atuação social, questões controvertidas, processos disciplinares, criação de novos concílios, personagens em destaque e outros temas.

No final do volume, estão disponíveis diversos apêndices com as seguintes informações: (1) lista completa dos órgãos da igreja e seus titulares em 2009; (2) integrantes da mesa do Supremo Concílio de 1958 a 2009; (3) liderança das sociedades internas (secretários gerais e presidentes das confederações nacionais); (4) cronologia do período, destacando os eventos mais significativos de cada ano; e (5) uma extensa galeria de fotografias de personagens, instituições, templos e eventos (reuniões do Supremo Concílio, congressos, etc.). Foi incluída uma detalhada documentação das fontes consultadas, na forma de 1.640 notas bibliográficas também inseridas na parte final do livro. Finalmente, visando facilitar a localização de tão vasta gama de informações, existem dois detalhados índices remissivos, um de personagens e outro de assuntos.

O livro se baseou essencialmente em um detalhado levantamento do jornal *Brasil Presbiteriano*, o órgão oficial da IPB. Foram consultados todos os números desse periódico, desde o primeiro, em setembro de 1958, até meados de 2009. Esses dados foram complementados com uma pesquisa minuciosa do *Digesto Presbiteriano*, ou seja, as resoluções do Supremo Concílio e de sua Comissão Executiva nesse período de meio século. Foram ainda incluídas informações procedentes de muitas outras fontes, publicadas ou em forma de manuscrito.

Esse é um tipo de obra que desperta reservas em alguns leitores, por se tratar de uma “história institucional”. No caso, uma instituição, a Igreja Presbiteriana do Brasil, conta a sua própria história através do historiador oficial da denominação. Tais relatos são acusados de estar comprometidos com uma agenda prévia, procurando destacar somente aquilo que interessa e ocultando questões constrangedoras ou desagradáveis. Essa questão se torna ainda mais relevante no caso em tela porque, como é amplamente conhecido, a primeira metade do período abordado se constituiu numa das épocas mais conturbadas e controvertidas da história da Igreja Presbiteriana do Brasil. Assim sendo, muitos leitores ficarão curiosos em saber como esse período foi abordado e principalmente as interpretações que foram dadas a respeito do mesmo.

Tais leitores poderão ficar desapontados, porque essa não foi a intenção principal do autor. Diante das dificuldades do tema e da exigüidade do tempo disponível para a produção do livro, optou-se por fornecer um grande volume de informações objetivas e um mínimo de interpretações ou juízos de valor, deixando que o leitor tire dos fatos narrados as suas próprias conclusões. No entanto, em momento algum houve a preocupação de maquiagem a realidade, apresentando apenas os acontecimentos favoráveis ou auspiciosos, e omitindo os demais.

Como o título indica, o objetivo principal é narrar a peregrinação de uma igreja, com seus aspectos construtivos e também as suas mazelas. Na teologia reformada, a igreja institucional é um “corpus permixtum”, constituído de trigo e joio. Ela não se confunde com o reino de Deus. Em algumas ocasiões, em alguns aspectos, ela se aproxima dos ideais do reino; em outras épocas e aspectos, se afasta dos mesmos. Portanto, se por um lado existe espaço para a celebração e a gratidão na vida de uma comunidade de fé, por outro lado, é necessário rejeitar o triunfalismo ufanista e insensato que se recusa a ver as limitações e falhas da igreja. Assim como os indivíduos que a compõem, a igreja tem a possibilidade de pecar e carece continuamente de santificação, correção de rumos e renovação do compromisso com Cristo.

Espera-se que esse livro proporcione aos presbiterianos maior apreciação pela sua rica herança e ao mesmo tempo contribua para uma discussão saudável e construtiva sobre a caminhada da IPB e o seu papel na sociedade brasileira.

RESENHA

*Antonio Paulo Benatte**

GIRALDI, Luiz Antonio. **História da Bíblia no Brasil**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008. 288 pp. il.

Em boa hora publica-se este livro do Rev. Luiz Antonio GiralDI, o primeiro de sua incursão pela história da difusão da Bíblia no Brasil. Outras duas obras estão previstas, conforme informou-me o autor: uma sobre a colportagem bíblica no século 19 e outra sobre a ação da Sociedade Bíblica Americana no Brasil. A trilogia é muito bem vinda, pois, apesar da profunda influência da Bíblia em nossa sociedade e cultura, ainda são escassos os estudos históricos sobre sua produção, distribuição e leitura.

Ninguém mais autorizado a fazê-lo. GiralDI é reconhecido nos meios evangélicos brasileiros por uma vida inteira dedicada à causa bíblica no Brasil. Começou atuando como colporteur da Sociedade Bíblica do Brasil e aposentou-se recentemente como secretário-geral da mesma Sociedade. Colaborou também, durante três décadas, com a comissão que levou a bom termo a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, publicada pela SBB. Agora inicia uma nova carreira, a de historiador. É natural que esse meio século de experiência nos assuntos relacionados à tradução, impressão e distribuição da Bíblia transpareça ao longo de todo o livro, e isso constitui a principal virtude da obra.

O livro aborda cronologicamente o trabalho de difusão da Bíblia no país, do começo do século 19 aos dias atuais. Traz informações históricas pertinentes, dados estatísticos de produção e distribuição de diferentes versões das Escrituras, as trajetórias das principais sociedades bíblicas, breves biografias de agentes bíblicos e testemunhos de leitores.

* Doutor em História; pesquisador-colaborador do Departamento de História da Unicamp; bolsista da Fapesp.

Embora não se trate de obra acadêmica, o texto é bem escrito e cuidadoso no caracterizar os diferentes contextos históricos de distribuição e recepção da Bíblia ao longo dos últimos dois séculos. É claro que um tema tão complexo e um recorte cronológico dessa amplitude não permite aprofundar a análise ao nível do cotidiano, nem foi esse o objetivo proposto.

Em contrapartida, o autor recorreu profusamente a documentos originais, limitando o uso de fontes secundárias. Evitou o tom apologético de muita história eclesiástica, adotando claramente um discurso interdenominacional. Apesar das convicções pessoais, evitou as infundáveis querelas bíblicas entre católicos e protestantes, acenando para uma posição moderadamente ecumênica.

Mais que um relato informativo e bem documentado, *História da Bíblia no Brasil* é um testemunho de primeira mão, escrito por um agente bíblico que “pôs a mão na massa”. É, assim, uma obra útil não apenas para o crente-leitor, interessado em saber como as Escrituras têm se difundido em nossa sociedade, mas também para o pesquisador acadêmico, ocupado em analisar historicamente a difusão da Bíblia no Brasil, sem o que não se compreende plenamente a formação do campo religioso brasileiro contemporâneo. Aguardemos com boa expectativa os próximos livros do Rev. Giraldi.

RESENHA

Wanderson F. M. de Oliveira

SHEDD, Russell P. **O líder que Deus usa**: resgatando a liderança bíblica para a igreja no novo milênio. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2005. 128 pp.

O autor dessa obra é um teólogo muito conhecido no meio evangélico nacional e internacional, tendo publicado dezenas de artigos eruditos em periódicos nacionais e estrangeiros. É autor de *A escatologia no Novo Testamento* (Vida Nova, 1983), *Adoração bíblica* (Vida Nova, 1987) e *A oração e o preparo de líderes cristãos* (Shedd Publicações, 2001), entre outras obras.

Shedd obteve o seu Th.M. no Wheaton Graduate School of Theology e o Ph.D. na Universidade de Edimburgo. É missionário aposentado da Conservative Baptist Foreign Mission Society (Missão Batista Conservadora), está no Brasil desde 1962 e é professor visitante em diversos cursos de graduação e pós-graduação no país. Foi também o fundador da editora Vida Nova no Brasil. A piedade cristã, erudição teológica e testemunho moral exemplar durante todos esses anos fizeram com que Shedd seja visto como um modelo de líder cristão, sendo bastante respeitado desde o ambiente pentecostal até o tradicional.

Shedd reconhece a importância de uma liderança saudável para a vitalidade espiritual da igreja. Basta ver a influência, sobre o povo de Israel, dos reis que foram infiéis ou não ao Senhor no Antigo Testamento. Ele defende que “a liderança positiva precisa ser exercida por um homem ou uma mulher que conheça a Deus e inclua os alvos dele. As prioridades do líder precisam ser prioridades bíblicas” (p. 11). Esse livro, pois, se propõe a refletir sobre as qualidades essenciais de um líder, sob a perspectiva do modo como Jesus e os autores bíblicos a entenderam.

No primeiro capítulo, Shedd analisa os perfis de José, Moisés e Davi, extraindo os traços de liderança característicos desses grandes personagens. Sua conclusão sobre eles é a seguinte: “Um profundo senso do chamado de Deus para servir outros deve marcar a vida dos líderes” (p. 15).

O autor discorre, no segundo capítulo, sobre a necessidade de seleção de líderes para a igreja (ou qualquer organização). O perfil do líder cristão que deve ser observado para nortear esse processo é o seguinte: ser dedicado à oração (p. 29), ter sido aprovado em experiências anteriores (p. 30), estar disposto a servir na obra (p. 32), estar pronto a ensinar e a aprender (p. 33) e ser perseverante (p. 35).

O caráter do líder que Deus usa é abordado no terceiro capítulo. Para Shedd, “o caráter é central na liderança efetiva” (p. 37). Nessa parte, os temas tratados são a santidade do líder (que deve ser semelhante à do Deus que ele está representando), o que pode ser considerado como “possuir boa reputação”, o ser cheio do Espírito Santo, da sabedoria de Deus, fé e amor, e o zelo na prestação de contas.

No quarto capítulo, são considerados o modelo e as instruções de Jesus acerca de liderança. Para Shedd, o líder necessita possuir uma nova perspectiva, a mortificação da vida centralizada em si mesmo para uma vida centralizada em Jesus, compaixão pelas pessoas de menor importância na sociedade, saber administrar as finanças pessoais e permanecer fiel a Cristo.

O autor analisa, no quinto capítulo, a necessidade de um líder ter visão e valores na perspectiva divina, de estar regularmente motivado e de ser um motivador, através do amor e da utilização adequada de ferramentas administrativas no exercício da liderança.

No sexto capítulo, Shedd discorre a respeito dos fatores que dificultam o exercício da liderança: externos (relacionados ao grupo que está sendo liderado), como a incredulidade, inconstância e desânimo; e internos (referentes à pessoa do líder), como a estagnação teológica e espiritual, a inveja, a soberba e a falsidade. Ele destaca que “o caminho mais efetivo para aprender a humildade para a liderança é dar as boas-vindas à humilhação e à repreensão” (p. 89).

No sétimo capítulo, o autor enfatiza através de exemplos como a liderança deve ser exercida de modo equilibrado, fazendo distinção entre determinação e teimosia, flexibilidade e indecisão, ser firme e ser prepotente, perdoar um pecado sem desculpá-lo, humildade e timidez, entre outras situações.

No oitavo capítulo, Shedd relaciona algumas atitudes que considera imprescindíveis para uma liderança bem sucedida: gratidão ao Senhor, humildade, disposição regular para aprender, interesse pelo Reino, otimismo e oração perseverante. O autor finaliza sua obra no nono capítulo, descrevendo as recompensas que uma boa liderança acarreta: o sentimento de realização, o reconhecimento, o peso da glória: “... a liderança exercida para a glória de Deus será recompensada no mundo por vir” (p. 118).

O líder que Deus usa é uma obra bem escrita, de leitura agradável, possuindo relativa profundidade teológica e com a necessária ênfase no que as Escrituras ensinam sobre o assunto. O livro é importante por tratar de um assunto que, embora seja muito explorado no mercado editorial brasileiro, nem sempre

recebe um tratamento adequado. Seu diferencial está no respeito à Bíblia como fonte de autoridade plena para discorrer sobre o tema, sem depender de outros ramos do conhecimento, tais como a psicologia e o marketing pessoal.

O ponto alto do livro é o capítulo sete, em que o autor lista alguns posicionamentos popularmente tratados como sendo quase sinônimos, mas que necessitam de uma alternativa que seja correta e equilibrada. Talvez alguém possa notar a falta de resultados de pesquisas de opinião que objetivam identificar as características dos líderes das organizações consideradas bem sucedidas, e que poderiam ser aplicadas na igreja.

Recomendo esse livro pelas razões apresentadas e finalizo esta resenha com palavras de Shedd que podem sintetizar toda a sua obra: “A liderança que, de alguma forma, inclui domínio sobre as pessoas, pode ser uma boa coisa quando ela é centralizada em Deus e reflete o seu caráter santo e amoroso” (p. 111).

TEXTO ESPECIAL

O QUE PODEMOS APRENDER COM O PROJETO DO GRANDE COLISOR DE HÁDRONS?[†]

*Gustavo R. S. Assi**

Fiquei surpreso quando um colega mostrou-me um artigo científico assinado por 3.099 coautores.¹ Correr o dedo sobre aquela longa lista foi como abrir o índice de um atlas. Da Armênia ao Uzbequistão, praticamente todos os países que conseguia lembrar estavam ali representados. Essa publicação é um recém-nascido do que promete ser um frutífero genitor: o LHC ou *Large Hadron Collider* (Grande Colisor de Hádrons), da Organização Européia de Pesquisa Nuclear (CERN), simplesmente o maior acelerador de partículas já construído.²

Sua inauguração foi acompanhada por um grande alvoroço na imprensa popular. Alguns imaginavam que o LHC fosse causar o fim do mundo, supostamente sugando toda a matéria e energia em um buraco negro centrado em Genebra. Para outros, ele prometia desvendar o princípio do universo, revelando os segredos da sagrada fonte de toda a existência. De repente, a raça humana tinha construído com suas próprias mãos a chave para detalhar o Gênesis ou iniciar o Apocalipse. Contudo, no mundo real, entre esses dois limites da

[†] Texto classificado no concurso de ciência “Imperial College Science Challenge Competition”, promovido pelo Royal College of Sciences, da Inglaterra.

* O autor acaba de obter o grau de Ph.D. em Engenharia Aeronáutica pelo Imperial College London. É membro da Igreja Presbiteriana Ebenézer, em São Paulo. Durante os estudos, foi presbítero da London City Presbyterian Church.

¹ The CMS Collaboration, S. Chatrchyan et al. The CMS experiment at the CERN LHC. *JINST*, 2008.

² Hádrons são partículas subatômicas formadas por agrupamentos de quarks. Os hádrons mais conhecidos são os prótons e os nêutrons.

história, longe dos tablóides e novelas, encontramos um grupo de cientistas determinados a liderar-nos em mais um passo na direção do entendimento da essência do universo.

Obviamente, o LHC foi criado com um propósito científico muito bem definido: unir os ramos teórico e experimental da física moderna para validar seus modelos e expandir nossa compreensão da física das partículas subatômicas. Centenas de nações investiram preciosos recursos para montar “provavelmente o maior e mais complexo empreendimento científico já construído pela humanidade”,³ projetado para encontrar as mais elementares peças do quebra-cabeças mais intrincado que conseguimos conceber em nossas mentes e vislumbrar com nossas teorias. Como um leopardo-da-neve que está sendo fotografado em seu ambiente selvagem, uma multidão de minúsculas partículas que nunca foram vistas – as quais temos quase certeza que existem – posam para a meticulosa equipe de fotógrafos do CERN.

Junto com esses cientistas, creio que o LHC vai trazer uma nova onda de descobertas como nunca antes experimentamos na história das ciências naturais. Eventualmente, como árdua consequência, talvez consigamos compreender outra fração de segundo mais próxima do Big Bang, ou simplesmente usufruir de uma rede mais veloz de supercomputadores.⁴ Talvez nos encantemos com onze dimensões⁵ ou quem sabe até encontremos o famoso bóson perdido.⁶ Mas, ainda que o LHC não produza as respostas que nossas atuais teorias tanto esperam, esse empenho já terá cumprido outro objetivo: formular melhores perguntas em nossa infinita busca do pleno entendimento do mundo natural.

Além de todas as descobertas científicas que em breve podem aparecer, já colhemos, agora, as primeiras lições do LHC. Aprendemos que não há limites para nossa compreensão do mundo físico. “Quanto mais procuramos, mais nosso entusiasmo é aguçado”.⁷ Este acelerador de hádrons é mais um passo em direção àquilo que acreditamos ser elementar, primário... até descobrirmos que ainda existe algo mais fundamental por detrás. Nesse mundo de maravilhosa

³ BERTOLUCCI, Sergio. Towards dynamic scientific research. *CERN The Bulletin*, issue 5-6 (January 2009), p. 22. Minha tradução.

⁴ A rede de supercomputadores projetada para uso do LHC reúne processadores espalhados pelo mundo todo, trabalhando em paralelo para analisar a enorme quantidade de dados gerados em cada experimento.

⁵ A chamada “Teoria-M” explica que todas as formas de matéria e energia podem ser equacionadas como “membranas” matemáticas vibrando em diferentes modos. Tais membranas poderiam vibrar em onze dimensões que, observadas no nosso universo tridimensional, representariam massa e energia da forma que conhecemos.

⁶ Bósons são partículas elementares associadas às forças subatômicas. O Bóson de Higgs é o último bóson ainda não observado que completaria o modelo padrão de partículas elementares.

⁷ SALAM, Abdus. Discurso no banquete do Prêmio Nobel. In: ODELBERG, Wilhelm (Org.). *The Nobel Prizes 1979*. Stockholm: Nobel Foundation, 1980. Minha tradução.

busca por conhecimento, “não há uma folhinha de grama, não há cor” – e não há partícula subatômica – “que não tenha a intenção de nos fazer regozijar”.⁸

Porém, também aprendemos que a maneira mais eficiente (e provavelmente mais prazerosa) de prosseguirmos nessa jornada de descobrimentos é através da cooperação. Levando-nos ou não à Teoria da Grande Unificação,⁹ o LHC já se mostrou uma extraordinária iniciativa unificadora, ajudando-nos a experimentar unidade científica em um contexto de extrema diversidade social. Esse artigo de milhares de autores é um dos primeiros frutos do projeto que inaugura uma nova era de cooperação pacífica nas ciências. Aquelas primeiras 23 páginas, listando autores de todas as 177 instituições envolvidas, são tão impressionantes quanto o próprio conteúdo publicado nas outras 293. Celebramos a colaboração científica em um nível nunca visto na história.

Em suma, descobrimos que há outra face do LHC que vai além da matéria e energia. Esse projeto multicultural já está emitindo luz para fora do mundo material e dentro do reino dos pensamentos e idéias. Da física à metafísica, há muito mais envolvido nesse acelerador de partículas do que a colisão de minúsculos hádrons selvagens. Milhares de cientistas com centenas de cosmovisões diferentes deparam-se com questões sobre nossa própria natureza mesmo antes que uma única partícula tenha sido liberada. No meio desse universo de partículas intangíveis estamos prontos para combinar a ordem observada no cosmos com a inquisitiva mente humana dotada de habilidade e anseio de compreensão. Que maravilha que estamos buscando tudo isso juntos. Que a família frutifique!

⁸ CALVIN, John. Como citado em TIERNEY, Thomas F. *The Value of Convenience: Genealogy of Technical Culture*, 1993. Minha tradução.

⁹ Teoria da física que procura explicar em uma só estrutura teórica e matemática todos os fenômenos físicos. Também conhecida como “Teoria de Tudo” ou “Teoria Unificadora”.

DIRETRIZES PARA A PREPARAÇÃO DE ARTIGOS DA REVISTA *FIDES REFORMATA*

Tarcizio de Carvalho e Valdeci Santos

1. NORMAS GERAIS

As matérias publicadas são de propriedade da Revista, podendo ser reproduzidas total ou parcialmente, segundo a legislação vigente, com indicação da fonte.

Os artigos, as resenhas crítico-informativas, as indicações bibliográficas e as traduções devem ser redigidos na língua portuguesa. Devem ser entregues uma cópia impressa e outra em disquete (ou cópia eletrônica para o e-mail do editor da revista), no formato compatível com o editor de textos “Word for Windows”, versão 6.0 ou mais recente, com fonte *Times New Roman*, corpo 12 e com alinhamento justificado somente à esquerda.

Ao formatar o seu trabalho, configure a página e o texto com as seguintes especificações:

- Papel A4 padrão (210 x 297 mm) e margens superior e esquerda com 3 cm, e inferior e direita com 2 cm.
- Texto distribuído em uma única coluna.
- Indentação (reco) dos parágrafos de 1 cm.
- Todas as páginas numeradas seqüencialmente no alto e à direita.
- Apresentar as ilustrações, desenhos e fotos com boa qualidade, quando for o caso.

1.1 *Forma de Apresentação*

1.1.1 De artigos

A forma de apresentação de artigos deve respeitar a seguinte seqüência:

- a) título do trabalho centralizado, corpo 16, *Times New Roman*;
- b) nome do autor (centralizado e italicizado), seguido de asterisco, remetendo a uma nota de rodapé em que constem titulação, função e instituição a que se vincula;

- c) resumo do trabalho em português (entre 150 e 250 palavras);
- d) palavras-chave (no máximo 6 palavras);
- e) texto em conformidade com o item 1 (Normas Gerais), com no máximo 7000 palavras;
- f) Apresentar os títulos e subtítulos das divisões do texto claramente identificados e hierarquizados, conforme NBR 6024.

1.1.2 De resenhas crítico-informativas

A forma de apresentação de resenhas crítico-informativas deve respeitar a seguinte seqüência:

- a) nome do resenhista.
- b) dados bibliográficos da obra resenhada, de acordo com as normas da ABNT (por exemplo, PETERS, Otto. *Didática do ensino a distância*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001. 402 pp.).
- c) texto em conformidade com o item 1 (Normas Gerais), com no máximo 1700 palavras;
- d) O conteúdo de uma resenha crítico-informativa deve ser como segue:

1. Referência bibliográfica: ver letra “b” acima.

2. Apresentação do autor da obra: Em alguns casos é importante situar o local e ano do nascimento. Em todos os outros será importante um pequeno comentário sobre o autor – formação acadêmica, pessoas (ou escolas de pensamento) que exerceram influência teórica sobre sua obra e fatos que teriam marcado sua vida e forma de pensar.

3. Perspectiva teórica da obra: Toda obra escrita se insere em uma determinada perspectiva teórica. É importante procurar informar, da melhor forma possível, a que tradição/escola teórica pertence o autor da obra que se está analisando. Isso permite compreender a forma como está organizada, bem como a lógica da argumentação utilizada.

4. Breve síntese da obra: Antes de começar a análise de uma obra é muito importante que se tenha uma visão panorâmica da mesma; isso pode ajudar a visualizar a seqüência do texto, permitindo saber de onde parte e para onde vai o autor na sua argumentação; esta parte da resenha (e somente esta) pode ser feita na forma de um esquema.

5. Principais teses desenvolvidas na obra: Depois desse trabalho preliminar, é hora de analisar o conteúdo da obra. O objetivo é traçar as principais teses do autor, e não resumir a sua obra (resenha não é resumo). É preciso ler com muita atenção para se apreender o que é fundamental no pensamento do autor.

6. Apreciação crítica da obra: Após apresentar e compreender o autor e sua obra, pode-se fazer alguns comentários pessoais sobre o assunto. Embora

os comentários sejam pessoais, não devem ser excessivamente subjetivos (“achei a obra isso ou aquilo”), mas expressar uma opinião pessoal ancorada em argumentos fundamentados academicamente.

1.1.3 De traduções

A forma de apresentação de traduções deve respeitar a seguinte seqüência:

- a) dados bibliográficos da obra traduzida, de acordo com as normas ABNT (por exemplo, HORTON, Michael. *Finding a church: a brief guide for the discriminating worshiper* [on-line]. Jun. 2001. Disponível em: http://www.christianity.com/partner/Article_Display_Page0,,PTID307086|CHID560462|CIID 1415582,00.html [acesso em 9 jun. 2003]).
- b) texto em conformidade com o item 1 (Normas gerais), com no máximo 3500 palavras;
- c) nome do tradutor.

1.1.4 De indicações bibliográficas

A forma de apresentação de indicações bibliográficas deve respeitar a seguinte seqüência:

- a) dados bibliográficos da indicação, de acordo com as normas ABNT (por exemplo, MACGREGOR, Jerry.: WALTKE, Bruce. *Conhecendo a vontade de Deus*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001, 160 pp.)
- b) texto em conformidade com o item 1 (Normas gerais), com no máximo 200 palavras;
- c) nome de quem faz a indicação bibliográfica.

2. NORMAS ADICIONAIS

2.1 *Uso de itálicos*

Usar itálicos para as ênfases absolutamente necessárias, jamais negrito ou sublinhado. Palavras, expressões ou frases em língua estrangeira devem ser igualmente italicizadas e, de preferência, traduzidas entre parênteses.

2.2 *Uso do hífen*

Quaisquer que sejam os textos (artigo, tradução etc) é importante não hifenizá-los manualmente.

2.3 *Notas de rodapé*

Utilizar a numeração automática do editor de textos para as notas de rodapé. Deve-se evitar colocar material relevante nas notas; as observações relevantes ao tema do artigo devem ser incluídas no texto.

2.4 Citações em grego ou hebraico

As citações do grego, hebraico ou aramaico devem ser feitas nos alfabetos originais, sem transliteração e devem ser traduzidas pelo autor.

2.5 Citações bíblicas e outras

As citações bíblicas devem ser feitas conforme o padrão encontrado na versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª ed. Em caso de outra versão, indicar entre parênteses no texto. Os nomes dos livros da Bíblia devem ser mencionados por extenso, se referidos diretamente. Quando citados indiretamente, entre parênteses ou após cf. ou vide, usar abreviações conforme a versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª ed.

Citações de outras fontes, como escritos rabínicos etc., devem ser feitas, na primeira vez, por extenso, com a abreviação entre parênteses e, a partir da segunda vez, somente com a abreviação, que seja clara o suficiente para que o leitor a identifique.

2.6 Pronomes que se referem a Deus

Estes pronomes devem ser escritos em letras minúsculas (como por exemplo sua, seu, dele, ele etc.).

2.7 Citações em língua estrangeira

As citações em língua estrangeira devem ser traduzidas pelo autor no corpo do texto, com citação do título original e a observação “minha tradução”.

EXCELÊNCIA ACADÊMICA E PIEDADE A SERVIÇO DO REINO DE DEUS



Venha estudar no Centro Presbiteriano de
Pós-Graduação Andrew Jumper, em São Paulo!
Cursos modulares
Corpo docente pós-graduado
Convênio com instituições internacionais
Biblioteca teológica com mais de 40.000 volumes
Acervo bibliográfico atualizado e informatizado

MESTRADO EM TEOLOGIA

Sacrae Theologiae Magister
(S.T.M. ou Mestre em Teologia)
é um mestrado *stricto sensu*
preparando o aluno para a docência.

ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS TEOLÓGICOS E ESPECIALIZAÇÃO EM TEOLOGIA BÍBLICA

Lato sensu no regime Educação a
Distância (EAD).

DOUTORADO EM MINISTÉRIO

É um grau profissional avançado
(D.Min.) oferecido em parceria com
o Reformed Theological Seminary
(RTS) com natureza *intracorpus*
no Brasil, mas com validade
internacional.

MESTRADO EM DIVINDADE

Magister Divinitatis (Mestre em
Divindade) é um mestrado *stricto
sensu* de natureza *intracorpus*.
Seu perfil acompanha o dos
mestrados profissionais.

O Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper prepara líderes para ministérios, buscando desenvolver nestes uma profunda compreensão da Palavra de Deus e um desejo de aplicar esse conhecimento a serviço do Senhor.

Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper
Rua Maria Borba, 15 – Vila Buarque – São Paulo – SP – Brasil – CEP: 01221-040
Tel.: +55 (11) 2114-8644/8759 – Fax: +55 (11) 3256-6611
www.mackenzie.com.br/teologia
pos.teo@mackenzie.com.br

Editoração eletrônica
LIBRO Comunicação

Impressão e acabamento
COMPANYGRAF